

TOMIE OHTAKE e ALICE SHINTANI
se encontram em diálogo inédito na CAIXA Cultural
– Teatro Nelson Rodrigues, Rio



Tomie
Ohtake,
*Sem
título*,
1974

Foto:
Fernando
Chaves

Há encontros que acontecem pela afinidade; outros, pela diferença. A exposição "*Alice Shintani e Tomie Ohtake – Montanha e vale*", em cartaz até 15 de novembro na CAIXA Cultural – Teatro Nelson Rodrigues, pertence à segunda categoria. Em vez de aproximar duas artistas por semelhanças formais ou geracionais, a mostra parte justamente das distâncias entre suas pesquisas para construir um diálogo que amplia a compreensão sobre ambas. Com curadoria de Ana Roman e Catalina Bergues, a exposição reúne pinturas, gravuras, esculturas e instalações que colocam em perspectiva dois modos distintos – e igualmente radicais – de pensar a pintura como experiência espacial.

O título sintetiza o conceito curatorial. Montanhas e vales são formações inseparáveis: uma só existe em relação à outra. A imagem serve de metáfora para compreender a produção de Tomie Ohtake (1913-2015) e Alice Shintani (1971), artistas separadas por quase seis décadas, mas unidas por uma inquietação comum: expandir continuamente os limites da pintura. Se Tomie investiga a potência da síntese, da cor e da forma, Alice desloca a pintura para o território da instalação, da arquitetura e da experiência coletiva. É nesse intervalo – entre permanência e transformação, concentração e dispersão – que a exposição encontra sua força.

Poucos nomes ocuparam lugar tão decisivo na história da arte brasileira quanto Tomie Ohtake. Nascida em Quioto, no Japão, e radicada no Brasil desde 1936, iniciou sua carreira artística aos 39 anos, e construiu uma trajetória singular, marcada pela pesquisa incessante sobre cor, gesto e espaço. Sem se prender a escolas ou movimentos, desenvolveu uma linguagem abstrata pró-



Tomie Ohtake, *Sem título*, 1987
Foto: Flávio Freire / Cortesia Galeria Nara Roesler

pria, em permanente reinvenção, que atravessou pintura, gravura, escultura e intervenções urbanas de grande escala.

Sua produção nunca buscou apenas a composição formal. As grandes superfícies cromáticas, as curvas precisas e a aparente economia de elementos revelam uma investigação rigorosa sobre percepção e equilíbrio. A pintura, em Tomie, ultrapassa o plano bidimensional para dialogar diretamente com a arquitetura e com o corpo do observador. Essa relação torna-se evidente em uma das obras centrais da exposição: uma pintura monumental instalada sobre uma parede curva, recuperando a configuração concebida para a abertura do Instituto Tomie Ohtake, em 2001. Mais do que uma re-



Alice Shintani, *Menas*

Foto da esquerda: Rafael Adorjan; Fotos da direita: Sérgio Guerini

montagem histórica, a obra reafirma a importância do espaço como componente inseparável de sua pesquisa.

Alice Shintani parte da pintura, mas segue por caminhos quase opostos. Formada em engenharia da computação, iniciou sua trajetória artística no início dos anos 2000 e rapidamente transformou o suporte pictórico em campo aberto de experimentação. Em sua obra, telas, objetos, estruturas móveis, instalações e intervenções urbanas convivem como partes de um mesmo sistema, no qual a pintura deixa de ser um objeto fixo para tornar-se processo, percurso e acontecimento.

Sua produção também incorpora experiências da vida cotidiana. Entre 2013 e 2016, quando trabalhou como vendedora ambulante de brigadeiros nas ruas do centro de São Paulo, a artista passou a refletir sobre circulação, improviso, ocupação do espaço público e formas alternativas de atribuição de valor à arte. Esses atravessamentos aparecem em trabalhos que recusam con-

figurações definitivas e permanecem abertos a rearranjos, deslocamentos e novas leituras.

Essa tensão entre duas maneiras de compreender a pintura organiza todo o percurso expositivo. Na primeira sala, pinturas e gravuras de Tomie dialogam com *Menas*, instalação de Alice Shintani formada por estruturas leves e reconfiguráveis. A proximidade evidencia contrastes sem transformá-los em oposição. Enquanto a artista nipo-brasileira condensa sua investigação em campos cromáticos precisos e silenciosos, Shintani constrói um espaço em permanente reorganização, aproximando sua obra de gestos cotidianos e arranjos provisórios.

Entre as salas, o visitante atravessa *Cru e Cozido*, série que Alice desenvolve há aproximadamente dez anos. Formado por dezenove pinturas e um chassi sem tela, o conjunto funciona como um grande políptico mutável. Formas e cores reaparecem continuamente, mas

nunca ocupam uma posição definitiva. O próprio deslocamento do público passa a integrar a experiência da obra, reforçando a ideia de que a pintura pode existir como processo, e não apenas como imagem.

Na sala seguinte, essa expansão alcança sua expressão máxima. Uma extensa instalação pictórica ocupa as paredes, dissolve os limites tradicionais do quadro e transforma a arquitetura em superfície ativa da obra. No centro desse ambiente cromático, esculturas tubulares de Tomie Ohtake instauram um contraponto silencioso. Curvas metálicas e campos de cor estabelecem novas relações de equilíbrio e movimento, fazendo com que as pesquisas das duas artistas voltem a se encontrar, sem jamais perder suas singularidades.

Mais do que reunir duas artistas fundamentais da arte brasileira, "*Montanha e vale*" propõe uma reflexão sobre o próprio estatuto da pintura na contemporaneidade. Ao aproximar uma das maiores representantes do abstracionismo brasileiro de uma artista que desafia continuamente os limites do suporte pictórico, a exposição demonstra que a pintura permanece um território fértil de invenção. Não como linguagem encerrada em si mesma, mas como campo de experimentação capaz de incorporar arquitetura, corpo, tempo e deslocamento.

O resultado é uma exposição que evita leituras lineares e aposta na potência do contraste. Em vez de buscar consensos, a curadoria faz da diferença seu principal

Tomie Ohtake diante de sua obra na inauguração do Instituto Tomie Ohtake, em 2001

Foto: Eduardo Castanho



argumento, convidando o público a revisitar o legado de Tomie Ohtake e, ao mesmo tempo, a descobrir a consistência da pesquisa de Alice Shintani. Entre montanhas e vales, o percurso revela que é justamente no espaço entre uma obra e outra que surgem novas possibilidades de olhar.

A exposição *“Alice Shintani e Tomie Ohtake – Montanha e vale”* é uma realização do Instituto Tomie Ohtake na CAIXA Cultural, viabilizada pelo Ministério da Cultura, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet). Conta com o patrocínio da Caixa Seguridade, da Galeria Nara Roesler, da Galeria Almeida & Dale e com o apoio oficial de tintas da AzkzoNotel e da Coral.

UM PAÍS SEM MONTANHAS

POR ANA ROMAN E CATALINA BERGUES – CURADORAS

O Brasil foi considerado, durante muito tempo, um país sem montanhas. Não porque elas não existissem, mas porque os critérios utilizados para defini-las não as reconheciam como tal. Durante décadas, predominou a ideia de que montanhas seriam relevos associados a dobramentos tectônicos recentes, como os Andes ou o Himalaia. Como o território brasileiro é formado por estruturas geológicas muito mais antigas, suas elevações eram classificadas sobretudo como serras, planaltos e escarpas.

Pesquisas recentes demonstraram, no entanto, que a presença de montanhas não depende apenas de sua



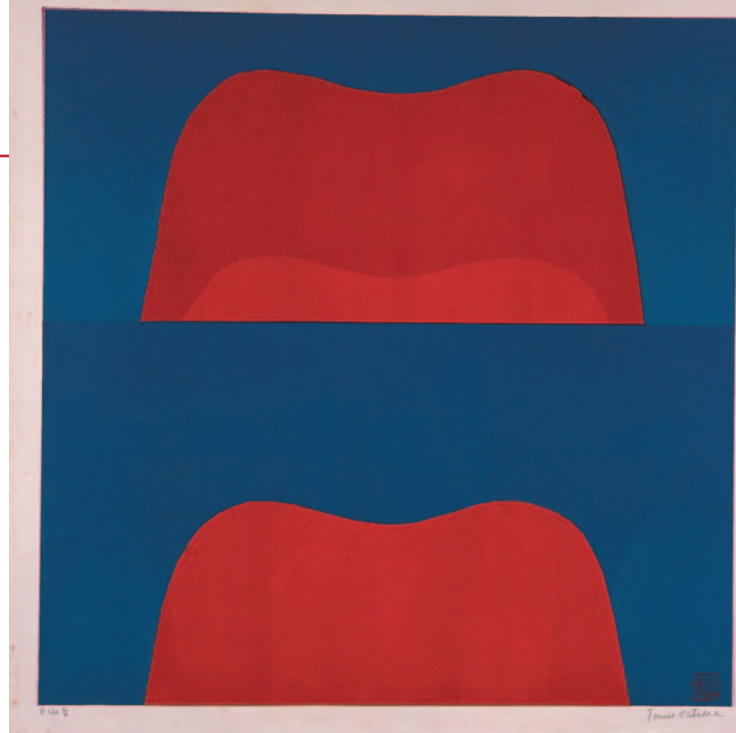
origem geológica, mas também de sua forma. A partir de novos critérios, montanhas passaram a ser identificadas em diversas regiões do país. A mudança não alterou a paisagem, apenas a maneira de descrevê-la. As montanhas sempre estiveram ali.

Mais do que uma questão geomorfológica, essa revisão evidencia o caráter histórico e contingente das classificações. As formas permanecem as mesmas, mas os instrumentos utilizados para observá-las mudam, conectando a percepção da existência à nomeação e à linguagem.

A formação das montanhas está intimamente ligada à dos vales. Quando determinados blocos de rocha se elevam, outros tendem a rebaixar-se; ao longo do tempo, ventos, chuvas e rios continuam a remodelar essa relação, transportando sedimentos das áreas mais altas para as mais baixas. Montanhas e vales não são formas opostas, mas partes de um mesmo processo; são constituídas mutuamente.

O vale

Tomie Ohtake e Alice Shintani se relacionam de maneiras muito diferentes com a própria produção e com o campo das artes. Quando Tomie iniciou sua prática artística, na década de 1950, a abstração ocupava um lugar central nos debates da arte moderna brasileira. Tomie pouco se deteve na figuração e, logo nos primeiros anos, sua pintura já havia se tornado abstrata. Associada a ideais de universalidade, autonomia formal e renovação estética, a abstração parecia oferecer uma linguagem capaz de ultrapassar particularidades biográficas ou contextuais. No entanto, esse mesmo paradigma deu espaço para leituras que viam,



Tomie Ohtake, *Sem título*, 1974

Foto: Fernando Chaves

nos trabalhos de Tomie, traços de uma identidade japonesa essencializada, associando seus gestos a uma suposta sensibilidade oriental, frequentemente vinculada ao *zen*, à caligrafia ou à tradição japonesa. Ao contrário; a relação de Tomie com a abstração partia do comprometimento com uma pesquisa sobre cor, forma e gesto, marcando a intencionalidade com a qual produziu nesse campo.

Na relação com o público, a abstração também oferecia uma abertura que lhe interessava. De fato, a artista passou a deixar praticamente todos os seus trabalhos sem título, de maneira a não fechar os caminhos pelos quais uma obra de arte poderia levar. Quando era apresentada a alguma leitura específica de seus trabalhos, respondia apenas “*obrigada*”.

Seu interesse na relação com o outro a levaria, na década de 1980, a iniciar sua produção de obras públicas, esculturas que habitam a malha urbana – principalmente no estado de São Paulo, mas também em

outras cidades no Brasil e no exterior. Com esses trabalhos, Tomie Ohtake explicitava a importância dada ao encontro com o público. A arte, segundo ela, deveria habitar o cotidiano das pessoas e ser encontrada, ainda que despercebidamente, ao longo do dia – e não apenas no museu, muitas vezes distante e fechado para diversos públicos.

Para Alice Shintani, essa questão se coloca por outros caminhos. Formada em engenharia da computação e atuante no campo artístico desde o início dos anos 2000, a artista construiu uma produção que extrapola os limites tradicionais da pintura, assumindo a forma de instalações, ações coletivas e intervenções no espaço urbano. Seu trabalho dirige-se menos à construção de um objeto autônomo do que às circunstâncias em que ele aparece, circula e é compartilhado.

Marcada pela economia de meios e por uma gramática visual lúdica, sua obra parece oferecer uma aproximação imediata. Contudo, essa aparente simplicidade funciona como estratégia de deslocamento. Formas dobradas, tecidos, bandeiras e estruturas leves são mobilizados para investigar as convenções que organizam a experiência cotidiana, criando fricções entre o visível que consumimos e aquilo que permanece invisível nas relações sociais, econômicas e institucionais.

Essa dimensão tornou-se ainda mais evidente entre 2013 e 2016, período em que Alice trabalhou como vendedora ambulante de brigadeiros nas ruas e feiras livres do centro financeiro de São Paulo. A experiência de acompanhar de perto as transformações da cidade

e seus conflitos invisíveis no espaço social tornou-se parte constitutiva de sua prática. Foi nesse contexto que surgiu *Menas*, instalação composta por papéis sanfonados pintados e bordados a mão, montados sobre caixas de produtos de limpeza e de alimentos asiáticos. Distribuídos meticulosamente pelo espaço, em diferentes alturas e configurações, seus elementos criam associações entre logotipos, títulos de produtos, formas e regimes de valor, convidando o olhar a percorrer caminhos sem hierarquia definida. Leve e transportável, a instalação pode ser montada e desmontada com facilidade, incorporando ao seu funcionamento questões ligadas à mercantilização de formas e sensibilidades no atual estágio do sistema de arte, reflexão particularmente cara à prática da artista.

Se Tomie buscou criar obras abertas à interpretação, Alice constrói trabalhos abertos à transformação. Em ambas, a forma nunca aparece como um fim em si mesmo, mas como um dispositivo capaz de acolher o acaso, o movimento e a presença dos outros. É nesse ponto que suas trajetórias se aproximam: não por compartilharem uma mesma linguagem, mas por compreenderem a arte como algo que permanece sempre incompleto, dependendo do mundo para acontecer.

SERVIÇO

Alice Shintani e Tomie Ohtake – Montanha e vale

Até 15 de novembro

CAIXA Cultural Rio de Janeiro – Teatro Nelson Rodrigues

Av. República do Paraguai, 230, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: terça a sexta, das 10h às 19h; sábados,

domingos e feriados, das 11h às 18h

Entrada franca

Acesso para pessoas com deficiência